

---

## As boas maneiras? Neoliberalismo e isolamento<sup>1</sup>

Vitor Gomes AGNELLI<sup>2</sup>

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

### RESUMO

O isolamento é, segundo Christian Dunker (2017), um importante causador de sofrimento, especialmente na sociedade brasileira, onde a lógica do condomínio segrega a população. Essa separação se dá graças a uma combinação de fatores, como o medo do outro e o estabelecimento de uma estrutura neoliberal que valoriza o individualismo. Este artigo busca entender quais representações presentes no filme *As boas maneiras* (2017) se relacionam com os afetos que envolvem tal lógica de criação de muros. A metodologia aplicada é uma análise fílmica com base na ideia de intericonicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** afetos; cinema; isolamento; neoliberalismo.

### INTRODUÇÃO

As belas imagens da cidade de São Paulo, onde nasceu e vive até hoje um dos autores desse artigo, foram um dos elementos que primeiro nos chamaram a atenção no filme *As boas maneiras* (dir. Juliana Rojas e Marco Dutra, 2017). Prédios e condomínios dividem o espaço urbano com casas cheias de muros e grades. Esse trabalho tem como objetivo entender como o filme se relaciona com a chamada lógica do condomínio, formulada por Christian Dunker, e com afetos próprios ao neoliberalismo, conforme Vladimir Safatle. Mas, como preâmbulo, gostaríamos de relatar uma experiência particular de um dos autores que não será explorada em profundidade no trabalho, mas fez parte da inspiração para este artigo.

\*\*\*

No começo deste ano, antes da chegada da pandemia de COVID-19 ao Brasil, visitei um dos condomínios de Alphaville pela primeira vez em minha vida. Minha ida

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Práticas do Consumo pela ESPM-SP, e-mail: [agnelli.vitor@gmail.com](mailto:agnelli.vitor@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do PPG em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, e-mail: [gabriela.almeida@espm.br](mailto:gabriela.almeida@espm.br)

---

até o lugar não tinha objetivos etnográficos, mas foi uma experiência que marcou meu ano de 2020, e que tem direta relação com o tema deste artigo. Por isso, com um caráter introdutório, destacarei alguns pontos que me chamaram a atenção naquela “viagem”.

Coloco a palavra “viagem” entre aspas para remeter a um primeiro elemento: o ônibus. Me foi recomendada uma linha de transporte público, por isso esperava um ônibus semelhante àqueles que encontramos circulando por São Paulo, mas me deparei com um veículo apropriado para longas viagens, com bancos confortáveis, ar-condicionado e uma tarifa quase três vezes maior: doze reais. O ônibus estava vazio, e eu peguei o melhor lugar, com espaço extra para as pernas.

Chegando no condomínio que iria visitar, após uma breve confusão com a entrada de carros, apresentei meu documento de identidade para passar por uma catraca. Enquanto aguardava meu cadastro, observei o movimento de entrada e saída. Era uma recepção lotada, mas naquele momento eu provavelmente era o único pedestre que não entrava naquele lugar para trabalhar. Me senti duplamente deslocado. Para me locomover dentro do condomínio, precisei da ajuda do Google Maps e me lembrei do meu objeto de estudo do mestrado: imagens de labirintos. Apesar de tortuosas, as ruas eram limpas e bem pavimentadas, e não existia uma calçada. Isso não era um problema, já que, em minha caminhada de dez minutos, não encontrei nenhum carro circulando.

As mansões eram diversas. Algumas, impressionantes. Outras, cafonas. Mas todas tinham o que era esperado de uma mansão: eram enormes. Cercas e muros não eram necessários dentro daquele lugar, já que sua função primeira era a de segurança. Para meu espanto, uma das casas tinha a porta da frente entreaberta. Não tenho muito a contribuir descrevendo a parte interna da mansão, apenas destaco que ela condizia exatamente com minhas expectativas. Aparentemente estava em reforma, mas nem cheguei a ver o local em obras. E a limpeza era impecável. Eu não perguntei, mas a proprietária deu a entender que lá trabalhavam pelo menos duas empregadas domésticas, imagino que mais do que isso. Na hora de ir embora, minha ideia de pegar novamente o ônibus de doze reais foi descartada. Após uma rápida ligação da proprietária da mansão, o motorista particular da família me levou até o metrô Butantã.

\*\*\*

---

De volta a São Paulo, retornamos à obra que será analisada aqui. *As boas maneiras* (Juliana Rojas e Marco Dutra, 2017) é um filme brasileiro premiado internacionalmente, que narra a história de uma mulher branca e rica, Ana, que contrata uma enfermeira preta e pobre, Clara, para ajudá-la em seu período de gestação e, após a criança nascer, trabalhar como babá. O filme é dividido temporal e espacialmente em duas partes: a primeira metade, no grande apartamento de Ana; e a segunda, na pequena casa de Clara, na periferia de São Paulo, onde ela irá criar Joel, filho de Ana, que morre no parto.

O filme é repleto de imagens de grades, correntes ou outros tipos de representações de barreiras, como por exemplo na figura 1 (página 8), cena inicial do filme, na qual Clara aparece atrás de uma porta de vidro comum nos condomínios verticais de São Paulo, ao aguardar sua entrada no condomínio de Ana, para ser entrevistada para seu novo emprego. Sendo assim, um dos elementos centrais para a análise do filme realizada aqui se relaciona com essas representações de habitações muradas, em que grades e muros constituem barreiras físicas e também simbólicas que separam mundos com um evidente recorte de classe.

Neste artigo, exploramos a lógica do condomínio, proposta por Dunker, e questões de afeto, discutidas por Safatle<sup>4</sup>. Também buscamos estabelecer ligações com as críticas ao neoliberalismo que ambos os autores fazem, tomando para isso a materialidade do filme *As boas maneiras* e descrevendo modos como a lógica do condomínio e os afetos são fabulados na obra. Metodologicamente, o trabalho toma como referência a proposta de David Bordwell para análise fílmica, e a ideia de intericonicidade, proposta por Jean-Jacques Courtine.

## O LIBERALISMO E A PRODUÇÃO DO MEDO

Safatle (2016) defende que os afetos circulam e são usados como instrumentos políticos. Para o autor, não são as leis que fundamentam os vínculos sociais e as relações de poder, mas sim aquilo que sentimos, vemos e percebemos. Por isso, o autor define a sociedade como um circuito de afetos e, quando há uma transformação em determinada sociedade, os afetos também mudam.

---

<sup>4</sup> Questões de gênero, raça e sexualidade estão colocadas como centrais na obra e se relacionam com os assuntos que serão abordados aqui, mas não fazem parte do escopo principal do estudo na versão que se apresenta nesse artigo, primeiro trabalho oriundo da pesquisa de mestrado iniciada em 2020.

---

Esses afetos não necessariamente chegam à consciência, ou seja, em determinados momentos agimos e vivemos a partir do inconsciente, somos mobilizados pelos nossos desejos, crenças e fantasias. Além disso, eles circulam em todos os níveis da vida social, não apenas em relações cotidianas e imediatas, mas também em relações institucionais, entre sujeitos e corporações. Por isso, para entender como mudar as nossas formas de viver e agir, precisamos, em um primeiro momento, entender quais afetos são centrais em nossa sociedade. A partir dessa reflexão, poderemos pensar em formas alternativas de nos afetarmos (SAFATLE, 2016).

O autor ainda afirma que o medo é o afeto político central das sociedades, historicamente. Temos medo de outras pessoas e do Estado, por isso respeitamos leis e nos isolamos. Nessa lógica de vida, o outro é um “invasor potencial” com quem precisamos estabelecer contratos e normas, que por sua vez nos protegerão da violência que pode vir de fora. O Estado, por sua vez, oferece proteção, mas, para isso, precisa lembrar às pessoas que, caso sejam desobedientes ou saiam de seu espaço de segurança, poderão ser punidas ou violentadas. Dessa forma, o temor do Estado é decorrente de outro anterior e maior: o medo do outro (SAFATLE, 2016).

A outra face do medo é o afeto de esperança. Se tememos algo, também consideramos a possibilidade de que esse mal não aconteça, e vice-versa. A esperança, portanto, não traz mudança, pelo contrário, pois sempre é acompanhada do medo. Ambos os afetos também compartilham uma forma de temporalidade: a expectativa. “Pois um corpo é uma maneira de experimentar o tempo” (SAFATLE, 2016, p. 24). A relação direta entre corpo, política e, conseqüentemente, afetos é destacada por Safatle. Para ele, essa corporalidade da política pode assumir diversas formas, como por exemplo classes sociais. E nem sempre essas corporalidades são “reais”, podendo ser imaginárias ou simbólicas (SAFATLE, 2016).

Para a transformação social (ou emancipação, ou liberdade), Safatle (2016) afirma que seria necessário tornar o desamparo o afeto político central, ao substituir o medo. Apesar do risco de violência, é apenas quando nos encontramos desamparados que podemos nos libertar, pois é a partir desse afeto que podemos encontrar o amparo, a despossessão e a absorção de contingências. Ou seja, quando um corpo se torna desamparado, ele perde posse daquilo que o determina como indivíduo, e permite, então, a criação de movimentos de mudança. Assim, esses corpos errantes podem ser unidos em uma totalidade, promovendo uma desconstrução de individualidades. O desamparo

---

apresentado por Safatle (2016) não é um afeto simplesmente triste, como imagina o senso comum. O autor propõe que “talvez não exista algo como ‘paixões tristes’ ou ‘paixões afirmativas’. Existem paixões, com sua capacidade de às vezes nos fazer tristes, às vezes felizes” (SAFATLE, 2016, p. 19).

O fim do indivíduo, como consta do subtítulo do livro de Safatle (2016), iria de encontro à lógica neoliberal que, segundo o autor, não é apenas um sistema econômico, mas uma forma de vida que influencia em diversos âmbitos da sociedade. O ideal de conduta, ou “as boas maneiras”, é tornar o “eu” uma empresa. O indivíduo age como empreendedor do seu corpo, investe em si mesmo e se relaciona como se fosse uma empresa. Assim, seus desejos individuais também acompanham a lógica neoliberal de crescimento desmedido. O indivíduo sempre quer mais, ou seja, tem expectativas maiores e, conseqüentemente, medos maiores. O desamparo permite que o indivíduo deixe de existir, pois suas preocupações neoliberais deixam de fazer sentido: ele não precisa temer perder o que tem, nem cria expectativas e desejos cada vez maiores. Uma pessoa que não se comporta como uma empresa deixa de ser um indivíduo e, assim, pode pensar em formas alternativas de sociabilidade (SAFATLE, 2016).

## A LÓGICA DO CONDOMÍNIO

Antes de abordar a lógica do condomínio, Dunker (2015) toma como base inicial as proposições de Freud sobre as três situações que fazem o ser humano sofrer: o declínio natural do corpo, as imperfeições das leis e as exigências internas de satisfação. A partir disso, fala sobre o mal-estar, o sofrimento e o sintoma. O autor propõe que o diagnóstico, parte da vida cotidiana de todos (no trabalho, na escola, na justiça), deixe de ser focado apenas no sintoma, ou seja, naquilo que deve ser curado (por exemplo, uma fobia). O raciocínio diagnóstico deve também levar em consideração o sofrimento e o mal-estar (DUNKER, 2015).

O mal-estar é uma categoria filosófica, está manifesto na finitude do corpo e da existência humana, na precariedade das relações e contratos, na angústia. É vago e de difícil nomeação. O sofrimento, por sua vez, é social. Para que ele exista, precisamos projetá-lo em outra pessoa, ou seja, é necessário que exista o que Lacan chama de transativismo: acontece, por exemplo, quando uma criança agride outra e, em seguida, chora e reclama que apanhou. Não é um fingimento, ela está realmente experienciando o sofrimento do outro (DUNKER, 2015).

---

A lógica do condomínio, segundo Dunker (2015), é “um sintoma à brasileira”. Ou seja, segundo o psicanalista, é o resultado das experiências anteriores vividas pelo país. Um condomínio é um local cuja proposta é de fornecer ordem e segurança, abolindo a possibilidade de uma indeterminação, um risco ou uma precariedade. É um local onde convivem semelhantes, cercados por muros, mas que lá dentro podem viver em harmonia, num ambiente limpo e organizado. A entrada dos funcionários (de serviço) é separada da entrada de visitantes (social). É, de certa forma, uma inversão de uma prisão. O lado de dentro é um espaço de gozo, ao invés de sofrimento. “Os muros para não sair transformam-se nos muros para não entrar” (DUNKER, 2009, p. 2).

Alphaville, local mencionado na introdução deste artigo, é citado duplamente pelo autor. Além de falar sobre os condomínios brasileiros, Dunker (2015) também aborda a origem do nome: um filme homônimo de Jean-Luc Godard (1965), que apresenta uma cidade onde os afetos (amor, poesia ou emoção) são proibidos. A transgressão é julgada e punida por um robô. Ou seja, é um lugar “seguro”, onde não há espaço para excessos e surpresas.

Ao sair da ficção e retornar ao mundo histórico, nos deparamos nos condomínios com algo mais parecido com outro filme: *Beleza Americana* (1999), que retrata uma realidade artificial, superficial e vazia num típico condomínio de subúrbio estadunidense. A ordem esperada é substituída por pequenos delitos, conflitos entre moradores e especialmente por uma segregação entre aqueles que estão dentro dos muros e todos os outros que ficam para fora. O diálogo entre essas duas partes é negado. E os espaços internos ao muro só podem ser ocupados por aqueles que são considerados dignos de entrar. Sendo assim, a própria possibilidade de discussão sobre tal separação é negada, graças à incapacidade de articular as diferenças (DUNKER, 2015).

A hostilidade, decorrente do medo daqueles que estão do lado de fora, é refletida entre os que seriam iguais dentro do condomínio, a partir do chamado “narcisismo das pequenas diferenças”. Então, a inveja e a violência criam conflitos entre muros e geram narrativas de sofrimento. O pertencimento a um lugar habitado por iguais é colocado em questão e remete ao mal-estar (DUNKER, 2015). Dunker (2017) se aprofunda na discussão sobre um afeto que considero relevante para a discussão sobre a lógica do condomínio e o objeto de estudos deste trabalho: a solidão, que é relacionada diretamente com o isolamento, castração ou separação. Ela não separa apenas as pessoas umas das outras, mas também causa estranhamento e distanciamento em relação a si mesmo.

---

A escolha de uma experiência solitária pode ser algo positivo. A solidão, como nomeia o próprio autor, é necessária, e sua falta é fonte de patologias. A partir desse tipo de separação podem surgir encontros frutíferos com questões importantes e um desenvolvimento da imaginação. A angústia e o amor estão interligados e só podem surgir a partir da solidão criativa. A arquitetura, a filosofia, a pintura, a poesia e a literatura são utilizadas por Dunker (2017) para exemplificar formas artísticas por meio das quais a solidão foi historicamente representada, e aqui trago uma das formas arquitetônicas que o autor apresenta para falar sobre o tema: os labirintos em forma de jardim, que eram ocupados para que as pessoas se perdessem e, então, se reencontrassem.

A solidão, entretanto, não necessariamente é uma experiência positiva. Para Dunker (2017), ela se torna um problema quando não há outra opção frente ao apartamento (uso a palavra no sentido de apartar-se, mas também remeto à forma de habitação de condomínios), ou seja, quando a solidão é coercitiva ou acompanha a ideia de “mas quando eu quiser eu consigo”, as patologias também surgem. O autor destaca, ao remeter a Kant, que a escolha da solidão pode ser ilusória, visto que o sujeito é *livre para querer ser livre* apenas até determinado ponto. Em outros casos, a imposição de um isolamento é mais clara, como seria o caso de situações de segregação que seguem a lógica do condomínio, por exemplo.

#### AS BOAS MANEIRAS?

Antes de dar início à análise do filme, apresentamos um conceito formulado por Jean-Jacques Courtine: a intericonicidade. Para ele, todas as imagens supõem uma memória visual do indivíduo, ou seja, além dos elementos exteriores, sempre existe um suporte das imagens com que o receptor entrou em contato no passado, assim como aquelas que ele imaginou e com que sonhou. Sendo assim, toda imagem com a qual entramos em contato remete a alguma imagem interior, presente em nossa memória (MILANEZ, 2015).

Um exemplo para ilustrar tal ideia aparece na introdução deste artigo, quando foi trazido um relato de experiência pessoal em Alphaville. Tais memórias transcritas aqui são acionadas quando vemos o filme *As boas maneiras*, assim como outras tantas lembranças que guardamos de diversas regiões de São Paulo. A imaginação e os sonhos também fazem parte desse repertório de imagens que nos surgem quando assistimos à

obra. Levando isso em consideração, destacamos que as propostas de leitura que apresentamos ao analisar o filme têm um importante fator pessoal.

David Bordwell também dá importância ao espectador, que participa ativamente da construção da narração – que é entendida pelo autor como um processo. A partir de suas memórias e de um pressuposto sobre a estrutura das narrativas, o espectador cria um mapa mental para organizar a história que assiste. Após o fim da narração, ele chega a uma conclusão sobre os sentidos compreendidos (SANTIAGO JR, 2004). A metodologia aqui aplicada leva em consideração as três categorias que compõem a narrativa, propostas por Bordwell: *fábula*, *enredo* e *estilo*. A *fábula* é uma construção feita pelo espectador, a partir de uma organização dos eventos por “ligações causais, temporais e espaciais”. O *enredo* é mais abstrato: cria os embates da narrativa, a partir de pormenores percebidos pelo espectador. O *estilo* está em quais técnicas cinematográficas foram utilizadas e em como elas interagem com o *enredo* (SANTIAGO JR, 2004). Para este trabalho, relacionaremos esses três elementos propostos por Bordwell com as contribuições de Safatle e Dunker sobre o medo e a lógica do condomínio que foram exploradas anteriormente no artigo.

#### *Espaços e relações entre empregada e patroa*

O filme tem início com Clara, uma mulher negra que estudou enfermagem por um tempo, mas teve que trancar o curso, chegando para uma entrevista de emprego, para trabalhar como babá. Ao liberar a entrada, o porteiro avisa que “o elevador de serviço é o da esquerda”. É um dos primeiros sinais de que a segregação é normalizada no local. As barreiras de vidro (ver fig. 1), também mostram como é difícil a entrada no prédio. Após Clara passar pela primeira das portas, ela precisa esperar um tempo até a segunda ser aberta.

**Figura 1** – Clara aguardando sua liberação para a entrada no condomínio de Ana



Fonte: Frame extraído do filme *As boas maneiras* (2017)



Durante a entrevista, Ana pergunta se Clara tem filhos. A resposta é “não, sou sozinha”. Em seguida, a dona do apartamento revela que quer, na verdade, uma empregada doméstica que durma no local, pelo menos até o bebê nascer, já que sua casa é muito grande para ser limpa por uma mulher grávida. O diálogo cheio de pausas demonstra o desconforto de Clara com a entrevista, que é espelhado no espectador. Apesar de sua falta de referências, a enfermeira é contratada, após demonstrar que consegue ajudar Ana com suas dores da gravidez. As dores da gravidez mostradas ao espectador e a Clara logo no primeiro contato entre as duas personagens são um importante recurso antecipatório, uma vez que toda a narrativa decorrerá da gravidez de Ana e do filho que será resultante dela.

A figura 2 mostra Clara terminando de subir um morro, na chuva, prestes a chegar em sua casa. O bairro onde ela vive é representado com áreas mal iluminadas, casas simples, com portões que ocupam praticamente todas as fachadas, e um grande muro com grafites. Ao fundo, é possível identificar um conjunto de grandes prédios modernos que se elevam acima da região mais pobre. O enquadramento é aberto, e faz com que Clara pareça pequena, perto do muro e das construções. Há um contraste de cores: enquanto as luzes de seu bairro são mais quentes, alaranjadas, a área distante dos grandes edifícios é envolta de uma frieza azul-esverdeada.

Os altos prédios aparecem com frequência na primeira metade do filme, e funcionam como metáfora visual do sentimento de superioridade dos habitantes das regiões ricas. O apartamento de Ana, no décimo quinto andar, é um desses lugares que estão mais próximos ao céu e se projetam violentamente acima das casas periféricas. A ideia de centralidade *versus* periferia também é explorada pelo filme quando Clara comenta com a vizinha (igualmente proprietária da casa que aluga) que seu novo emprego não é em seu bairro, “é mais para o centro”. Assim, outra barreira espacial é evocada: os espaços mais centrais são ocupados por aqueles que têm mais recursos, enquanto os que vivem na periferia precisam gastar um precioso tempo (que lhes falta) para se locomover até tais centros.

Ao chegar à sua residência (uma pequena casa nos fundos do terreno de sua senhoria), Clara desce uma escadaria e passa por um estreito e escuro corredor (figura 3). Novamente, o enquadramento é aberto e as luzes são alaranjadas. Tanto essa quanto a imagem anterior aparecem outras vezes durante o filme, e demonstram como a realidade

de Clara é marcada por espaços hostis, escuros e apertados, em comparação com o seguro, amplo e bem iluminado apartamento de Ana (pelo menos durante o dia). As paredes da casa de sua senhoria parecem esmagá-la na escuridão.

**Figuras 2 e 3** - Clara indo para casa



Fonte: Frames extraídos do filme *As boas maneiras* (2017)

Clara não volta ao local até a metade do filme. Durante a maior parte do tempo, as duas mulheres ficam sozinhas no apartamento de Ana, onde a cor azul é predominante, especialmente durante a noite (figura 4). Em alguns momentos, o local é celestial, limpo e arejado. Em outros, o azul é sombrio e perigoso, acompanhado de luas cheias que tornam a patroa agressiva. Clara descobre que, em noites de lua cheia, a patroa se torna sonâmbula e faz coisas estranhas, como comer um gato vivo. O filme torna evidente, mais adiante, que o desejo de Ana por carne e sangue é decorrente de sua gestação, já que o bebê que espera é, na verdade, um lobisomem.

Os altos prédios da cidade, habitados pela elite, aparecem nas janelas do apartamento de Ana, sempre no mesmo nível. Ou seja, enquanto vive em um desses edifícios, Clara é frequentemente lembrada da paisagem que tinha em seu antigo bairro, quando observava o bairro mais rico se projetando acima do seu.

**Figura 4** - Ana morde a boca de Clara após um beijo



Fonte: Frame extraído do filme *As boas maneiras* (2017)

Durante o período em que Clara mora no apartamento da patroa, as duas mulheres iniciam um relacionamento amoroso, após Ana revelar que também é uma pessoa sozinha. Ela foi expulsa da casa de sua família por ter se relacionado sexualmente com um homem (pai de seu filho) enquanto era noiva de outro. Assim como no filme *Alphaville*, onde os afetos não podem florescer em meio à ordem e segurança, as expectativas de “boas maneiras” por parte da família de Ana forçam a solidão da grávida. Clara, por sua vez, não verbaliza o motivo de seu isolamento, mas é possível inferir que sua cor de pele, classe social, gênero e orientação sexual sejam alguns dos possíveis fatores para que ela vivesse sozinha.

Enquanto uma mulher branca e rica é excluída de sua família por não seguir as regras sociais que lhe eram impostas, a mulher negra e pobre é excluída como dado inicial, sem que qualquer contextualização seja apresentada. E, mesmo quando encontra um par amoroso que compartilha (até certo ponto) de sua solidão, ainda sofre diversas formas de violência. Ana se comporta como superior a Clara em diversas ocasiões e, em alguns momentos, nem demonstra ter consciência de que sua postura é uma forma de violência contra a empregada. Mesmo após as duas se relacionarem sexualmente, Ana continua tratando Clara como inferior, e inclusive permite que a parceira se auto mutila para

satisfazer o seu desejo por consumir sangue (graças ao bebê lobisomem que ela está gerindo).

De toda forma, a solidão forçada causa sofrimento as duas mulheres, e a união do casal parece ser valorizada por ambas as partes. Isso termina quando Ana dá à luz e morre no parto, ao ter sua barriga dilacerada pelo bebê lobisomem. Clara, que estava tentando pedir socorro, chega a tempo de dar um último beijo na amada, antes dela falecer. Em seguida, percebe a criatura deitada no chão, pega a arma de Ana, mas não atira no bebê. Pelo contrário, ao perceber que o pequeno lobisomem está sendo asfixiado pelo cordão umbilical, Clara salva o recém-nascido. A ideia de abandonar a criança-monstro nas margens do rio também é abandonada, e a mulher leva o filho de Ana para sua casa, junto com alguns pertences da mulher falecida. Para conter o constante choro do bebê, Clara chega a oferecer o próprio peito como alimento, que logo é mordido e se torna sangrento.

O medo que Clara tem do menino lobisomem, Joel, fica evidente no resto do filme, que retrata a vida deles após sete anos. Clara constrói um quarto especial, uma espécie de *bunker*, com grandes fechaduras e correntes para prender os pulsos do garoto (figura 5), que serve para separá-lo de outras pessoas (inclusive ela) durante as noites de lua cheia. A dieta de Joel também é controlada por Clara, que não permite que a criança coma carne em nenhuma ocasião, já que ela percebeu que toda vez que Ana satisfazia seus desejos por sangue ela se tornava mais violenta.

**Imagem 5** – Joel preso por correntes em seu quarto



Fonte: Frame extraído do filme *As boas maneiras* (2017)

Na figura 5, Joel é aprisionado e o filme faz entender que é para seu bem, já que ele provavelmente seria caçado caso saísse matando pessoas pelas ruas de São Paulo nos momentos em que vira lobisomem. Esse seu isolamento não é por escolha, assim como o de suas mães também não era. Há um grande sofrimento nessa solidão forçada, como é possível ver nas marcas em forma de “x” nas paredes e no colchão velho e sujo. Os

brinquedos do garoto tentam abrandar essa situação de castração, mas também colocam em questão o quão possível seria brincar nessas condições.

Apesar do que se apresenta em noites de lua cheia – o menino vira de fato um lobisomem, Joel e Clara parecem viver normalmente aos olhos da sociedade. A mãe adotiva trabalha em uma farmácia e tem alguns clientes para os quais trabalha como enfermeira. O garoto frequenta a escola e tem amigos. Tanto os adultos quanto as crianças que convivem com o garoto opinam que Clara deveria deixar Joel mais livre, especialmente com a chegada de uma festa junina na escola. Alguns colegas chegam a visitar a casa de Joel em uma noite de lua cheia para convidá-lo para sair, mas Clara não permite que as crianças sequer vejam o garoto (figura 6).

**Figura 6** - Amigos de Joel atrás de grades



Fonte: Frame extraído do filme *As boas maneiras* (2017)

Em diversas passagens como essa, os personagens aparecem atrás de muros, cercas ou grades. Assim, o filme destaca que o isolamento faz parte do cotidiano das vidas das pessoas, não apenas por Joel ser um lobisomem, mas por causa do medo da violência. Quando Dunker (2015) fala sobre o “narcisismo das pequenas diferenças” presente em condomínios, podemos entender que isso não é exclusividade de locais murados e protegidos, já que em toda a cidade encontramos muros que separam as pessoas e grades que fecham as fachadas das casas.

Dessa forma, a lógica do condomínio continua parcialmente presente mesmo fora dos condomínios, quando pessoas criam barreiras e valorizam a individualidade acima da união e da comunidade. Por outro lado, a montagem do filme destaca uma diferença entre a primeira parte e a segunda: a vida no apartamento é marcada por raros encontros com outras pessoas, enquanto os personagens que vivem na periferia frequentemente entram em contato com amigos, colegas, parentes e vizinhos.

As separações não são suficientes no filme. Após comer carne pela primeira vez, Joel se torna violento e desobediente. Vai com seu amigo para um shopping center, em busca de seu pai, já que não acredita quando Clara afirma que nunca conheceu o homem. As duas crianças atravessam uma barreira colocada pelo filme: o rio, que divide o lado pobre do lado rico (figura 7). Ao pular esse muro atravessando de uma região a outra da cidade de metrô, Joel fica preso no shopping, vira lobo e mata seu amigo.

A cidade representada no filme se aproxima da São Paulo real, ao marcar a divisão espacial ligada à renda. As favelas e os bairros pobres da cidade estão posicionados nas periferias, distantes dos centros ricos. Mesmo sem muros dividindo um bairro do outro, as distâncias dificultam e tornam perigosas as ocupações de pessoas que “não pertencem” a tal espaço. No filme, todas as vezes que um personagem vai a um lugar “inadequado” ou age de forma que não condiz com “as boas maneiras”, alguma tragédia acontece. Ana engravida, é separada de sua família e morre após ter relações sexuais fora do noivado; Clara perde sua amada e seu emprego e precisa cuidar de uma criatura sobre-humana e agressiva, após viver em um prédio rico; Joel mata seu amigo pobre que visita um shopping rico.

**Figura 7** - Barreira do rio, que divide a cidade pobre da rica



Fonte: Frame extraído do filme *As boas maneiras* (2017)

Ao entender o que aconteceu, Clara fala para o filho que eles vão fugir. Joel não aceita e prende a mãe em seu quarto de isolamento. Sem as correntes o prendendo, o garoto decide ir à escola, e fica para a festa junina. Enquanto isso, Clara recebe uma visita de sua colega de trabalho, que abre a porta que a prendia. Ela chega na escola a tempo de impedir que Joel, a essa altura já transformado em lobisomem, machuque alguém, mas para isso precisa dar um tiro na perna da criatura.

Enquanto tenta tratar a fera machucada, uma multidão de pessoas se junta, com o objetivo de matar o garoto. Na cena final do filme, Clara canta para o Joel lobisomem se

acalmar e, em seguida, o liberta de suas correntes, enquanto as pessoas enfurecidas batem na porta, carregando tochas e armas. Livre, o garoto não ataca a mãe, pelo contrário, eles dão as mãos (figuras 8 e 9) e se viram para enfrentar a multidão que está prestes a entrar no quarto. O filme acaba antes de qualquer luta ocorrer, com um final totalmente aberto. A mudança do comportamento de Joel só acontece após Clara demonstrar um desamparo suficiente para que seu medo não existisse mais. A mulher se coloca em risco, ao libertar a criatura machucada e assustada, e é a partir dessa união que há a possibilidade do fim da prisão que eles vivem. Por outro lado, a violência daqueles que estão do outro lado da porta continua real e perigosa. O lobisomem e a mulher negra, lésbica e pobre dão as mãos para encarar a sociedade que cria barreiras, correntes, grades e todas as outras formas de segregação, que ferem e geram ainda mais violência.

A lógica individualista que encontrei em Alphaville, de deixar para fora todos aqueles que são diferentes e possivelmente violentos, na verdade causa um sofrimento. Apesar das ruas limpas, das grandes mansões e grandes muros de proteção, as pessoas que vivem em Alphaville (ou em qualquer outro tipo de separação, apartamento ou condomínio) deixam de olhar para o outro e não permitem que afetos diferentes e transformadores cheguem a si.

**Figuras 8 e 9** - Clara e Joel dão as mãos para enfrentar os invasores



Fonte: Frames extraídos do filme *As boas maneiras* (2017)

Assim, a sequência final do filme é uma representação de como a união só pode vir a partir do desamparo, já que o medo cria muros e prende um lobisomem que não aprendeu a deixar de atacar as pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise do filme *As boas maneiras*, buscamos explorar a ideia de que o medo do outro é responsável pela criação dos muros que dividem as pessoas e dificultam

o diálogo e a união entre os diferentes. O afeto alternativo seria o desamparo, ou seja, a falta de expectativas (para o bem ou para o mal), que poderia trazer algum tipo de emancipação. A obra utiliza em diversos momentos imagens que remetem à criação dessas barreiras, como por exemplo as portas de vidro na entrada do condomínio de Ana, as grades na entrada da casa de Clara (e em grande parte das outras casas de seu bairro) e as correntes que prendem Joel em seu quarto trancado. O enredo do filme também é preenchido com falas sobre a solidão e a falta de liberdade.

Enquanto alguns vivem presos em seus condomínios de Alphaville, por exemplo, a violência invade as casas dos mais vulneráveis, que sofrem ataques de todos os lados. Todos tentam se proteger, constroem muros e colocam grades até nas mais humildes residências, mas isso não é suficiente para acabar com a violência, que se propaga ainda mais em uma sociedade de diferenças.

Este trabalho teve como tema central a solidão não-voluntária, decorrente da criação das barreiras que impedem as pessoas de se unirem. Seria interessante, em trabalhos futuros, relacionar o filme com as propostas de autores que abordam como essa violência afeta os corpos mais vulneráveis e violentados, como mulheres, negros, pobres, pessoas LGBTQ+ ou qualquer outra pessoa que é vista socialmente como monstruosa.

Outra possível linha de ampliação seria o estudo de outros afetos que se relacionam com a lógica do condomínio. A pandemia de COVID-19 parece ter dado início a discussões relevantes sobre a validade das estruturas neoliberais e como as pessoas são afetadas quando há uma necessidade em pensar no próximo. É possível começar a observar algumas posturas de países que se mostraram mais eficientes no combate ao vírus e elas em geral envolvem um fortalecimento do senso de comunidade.

## REFERÊNCIAS

- As boas maneiras.** Direção de Juliana Rojas e Marco Dutra, 2017.
- DUNKER, C. **A Lógica do Condomínio** ou: o síndico e seus descontentes. Revista Leitura Flutuante, v. 1, São Paulo, 2009.
- DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:** uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade:** políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.
- MILANEZ, N. **Intericonicidade:** da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. Acta Scientiarum, Maringá, v. 37, n. 2, p. 197-206, 2015.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos:** corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SANTIAGO JR, F. **David Bordwell:** sobre a narrativa cinematográfica. X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, 2004.